

INOVADORES: FILÓSOFOS E POETAS DA FUTURIDADE ¹

José Paulo T.

*O desassossego é enorme; é que o homem atual
não sabe o que ser, falta-lhe imaginação para
inventar o argumento da sua própria vida*

Ortega Y Gasset ²

Roteiro dos Inovadores: filósofos e poetas da futuridade

1. Este percurso começa com as Antropotécnicas da superação, em Peter Sloterdijk.³

Aqui as leituras cruzadas e publicadas nas páginas do autor, na internet, todo o seu itinerário entre as curvas e os desvios auto-operativas da educação e da formação do sujeito moderno.

2. Os Alfabetos de Flusser: em que o autor faz a sua passagem da língua alfanumérica à

linguagem das cifras, e de onde brotam os escritos da compoesia. ⁴ São ideias para

transcodificar os alfabetos em suas linguagens computacional e compoéticas ou, para dizer como gosta: comunicologia também se faz com poesia.

¹ O programa Filósofos Inovadores da Cidade Futura foi apresentado em 29/10/2019 na inauguração da Sala Cidade Futura, em Florianópolis. Relato das apresentações em www.cidadefutura.com.br

² Ortega Y Gasset. Meditação sobre a técnica, p. 55.

³ Desde a viragem antropotécnica de Peter Sloterdijk (Tu tens de mudar a tua vida), apresento uma primeira leitura sobre a “curva auto-operatória da formação do sujeito moderno”, o C-a-o-s-mo de Sloterdijk.

⁴ Em que faz uma primeira incursão na Comunicologia, design filosófico e a linguagem de Flusser: da S-o-o-p-a de letrinhas às imagens técnicas na línguaafiada de Flusser.

3. Com as Orteguianas, faço um *breve* passeio pelo imaginário filosófico de Ortega y Gasset.⁵

O itinerário começa com algumas categorias retiradas da filosofia do pensador espanhol, a começar pelas meditações do Quixote e Sobre a técnica, a história e a poética da razão vital.

4. enfim, seu primeiro esboço "Das divinações primeiras – *Aurora autoral de uma escrita inventiva*."⁶ Neste ponto tenta expressar a sua composição mais genuína como atitude, gesto ou exercício de criação e produção filosófica.

Antropotécnicas, Alfabetos, Orteguianas e Divinações Primeiras, brotação ou semeaduras de pensamentos e afetos, composições e recitações da razão poética - toda a área de cobertura que vai dos pensadores originais aos poetas da futuridade. Talvez seja um sonho. Ou uma ingênua desmedida da razão do poema; ou será a aventura de quem sabe que o poema nada é e nada faz além de ensinar ao coração a querer apenas o que se aprende de cor.⁷

⁵ Onde o autor apresenta o que chama de as I-O-Y-Gs ou: exercícios de leitura e escrita pelas categorias orteguianas.

⁶ Em que faz as recitações da razão poética de María Zambrano como uma das suas fontes inspiradoras dos escritos da Composição.

⁷ Citado de memória e assim deverá ficar para não esquecer Derrida, na releitura que faço de seu "Checos?; a poesia?", publicado em 1998 e republicado na revista Poesie, 1989.

QUARTETO FILOSÓFICO

Escreve um leitor que estuda e publica por conta própria. Interessado em compartilhar as suas buscas, as suas fontes e descobertas e, por pensamentos, atos, sonhos e afetos, entregar-se aos devaneios filosóficos que vêm junto com o ‘pacote’ autoral.

A expressão “devaneio” torna-se patente em sua filosofia e tem ligação particular com as lições do mestre Gaston Bachelard, que o acompanha em sua trajetória intelectual. Aqui um duplo intentado: primeiro, para ‘marcar posição’ junto aos especialistas, de cada área ou autor; mas, e ao mesmo tempo, uma segunda motivação: poder conversar com os melhores comentadores, os estudiosos e tradutores mais respeitáveis e, de forma livre e independente, seguir o “espírito” na escrita deste Breviário Poético Filosófico.

E aqui falo pela primeira vez de uma ‘razão de fundo’, uma vez que, sendo o autor em voga ‘monoglota’ e ‘monocular’, precisa das melhores lentes e de ouvidos mais aguçados que o dele para poder exercitar seu insensato ofício de escrever, que também é de ler, de conversar e pesquisar, e poder compartilhar seus incursos imaginários pelos filósofos inovadores que são, para ele, os poetas da futuridade.

Também será preciso informar ao leitor que, há 20 anos deixou nas gavetas dos seus porta-trecos seus diplomas de graduação e pós-graduação em ciências sociais e sociologia política e o fez para poder se dedicar aos projetos e programas educacionais que acredita em vista à obra da leitura, que elegeu “sua” tarefa de vida!

Foi uma escolha de caminhos, nas circunstâncias de sua vida pessoal, mas também, pelas circunstâncias brasileiras e de sua trajetória política-cidadã.⁸

Portanto, o que segue são exercícios de escrita e leitura, de pensamentos e atos, cujo propósito é comunicar aspectos da sua vocação e dar uma pequena contribuição aos estudos do e no pensamento, numa perspectiva pós-universitária toda ela feita por micro-graduações em filosofia, educação e poesia, numa palavra, por exercícios de escritas inventivas e leituras vitais. Dados estes esclarecimentos, adentremos algumas

⁸ "Uma nota quase autobiográfica" www.jp.com.br/breviariodoautor

páginas de nossos Breviários, esperando que tais fragmentos, ensaios livres e alguns poemas sejam bem acolhidos pelos leitores.

INOVADORES: FILÓSOFOS E POETAS DA FUTURIDADE

Os filósofos inovadores são poetas da futuridade. Eles nascem ou (se) produzem em suas próprias inovações e tradições, seja em relação ao seu tempo ou na pedagogia da boa distância nas situações de mundo em que se encontram. Como poetas, são inventivos; como filósofos, inovadores, não apenas pelos conceitos que criam, mas pelo estilo ou a originalidade com que produzem ou esculpem os seus pensamentos, as suas descobertas ou criações.

Alguns deles fizeram de suas vidas o próprio acontecimento filosófico, o próprio querer entender (concatenar, compreender) filosofia *com* e *como* poesia. O que nos desperta interesse nesses poetas são as respostas dos seus escritos, as belezas das suas partilhas e as formas com que entregam as suas criações.

Quase todos esses inovadores pecam pelo excesso de vida com que produzem ou investem o poder de seus pensamentos: os gestos e movimentos do pensamento que irradiam, as imagens que guardam ou compartilham dentro de uma comunidade de afetos e usos, pensamentos e atos. Desta forma fazem pontes dos excessos aos acessos. O que explica, talvez, porque alguns deles enlouquecem ou deixam enlouquecidos os seus leitores ou amigos próximos. Tornam-se intempestivos, excessivos, gênios indomáveis...

Os Inovadores: um programa

Por ora digamos assim: inovadores são os filósofos-poetas criadores da futuridade. Seriam inventivos esses inventores e 'programadores' de sonhos, de caminhos, de afetos, de chances... E se tiver aí um "quê" de ficção em tudo fazem e que chamamos de inovação?

É preciso dar alguns passos antes para as respostas que buscamos, Primeiro, é importante fazer a distinção entre a inovação em filosofia e a inovação em tecnologia. Fazer isso ajuda-nos a desenvolver uma pedagogia e também o pensamento afirmativo que nos orienta ao longo da sua realização. São exercícios do intelecto fundamentais

para o entendimento desse mundo codificado e serve para nos situar no tema do humanismo na encruzilhada (do labirinto) em que nos encontramos. E ajudam a pensar nos objetivos do programa que aqui chamados Inovadores. Este o segundo passo. Vamos concentrar nossa atenção no conceito de inovadores e na ideia de programa que desenvolvemos junto com ele. Quem são os inovadores? Onde está a inovação?

As respostas a estas questões podem estar no sujeito-operador-usuário dos acessos e das ferramentas que dispõe ou não para operar a inovação, seja em filosofia, seja em tecnologia. São questões que dizem respeito aos próprios sujeitos-destinatários do programa, sejam eles os usuários, os criadores e produtores de tecnologias (programadores).

Aqui também estão os pontos essenciais para o desenvolvimento tanto de nosso método de leitura como de formação de formadores.⁹ É o ponto em que coloca 'em questão' o sentido de inovação e a filosofia dos inovadores. Estará a inovação encapsulada ou subordinada à tecnologia? Será a tecnologia monopólio de empresas de tecnologia? Ou estaria dentro de casa, na cidade, no corpo, no cosmos? Estará a tecnologia vincada às estâncias e instâncias da vida, da cultura e da educação, na história e circunstâncias de seus utilizadores?

E em relação aos inovadores: como chegar até eles? Quais os inventos inovadores essenciais para um programa de vida livre e qualificado? Serão inovadores os nossos inventores, cientistas, pesquisadores, programadores? Ou serão filósofos e poetas os inventores das “novas tecnologias” e das novas “comunicologias”?

Pensemos um pouco sobre a ideia de inovação que parece fazer ou dar a liga entre os filósofos e o programa que os formam e os modelam ao mesmo tempo em que são por eles formados e modelados.

De novo – e de modo muito incipiente – defino os inovadores como decifradores, neo-leitores ou leitores do futuro, numa palavra: e-leitores. Juntos, usuários e operadores formam - não exatamente um público ou massa de consumidores-usuários no sentido

⁹ Esses temas presentes em meu estudo sobre os *Operadores Poéticos* - em Bachelard - entre os fragmentos que compõem os Breviários da Composição.

usual de público ou consumidores -, mas um sistema que chamo "capitalismo digital". São eles que atualizam o chamado "homem-massa" orteguiano em duas novas configurações: a do homem-multidão (Gonçalo M. Tavares) ou do homem-indexado aos aparelhos globais da "nova" economia, como tenho dito.

Por esse nosso modelo ou tipologia abre-se um novo sentido para pensar os operadores, seja como usuários qualificados de uma audiência distinta, intimamente ligados aos usuários; ou como utilizadores do sistema, que passam a expressar, a ser e a viver o próprio batimento do coração do "novo" que forma o público desses usuários-operadores. É com eles que estamos empenhados a pensar, encontrar, conhecer, conviver e formar uma nova geração de leitores.

Um "público" representado, num primeiro plano, pela figura do LEITOR-AUSENTE, que é algo bem diferente do tipo leitor comum; trata-se de leitor distinto, de tipo novo, o leitor do futuro, o eu: leitor, com certeza, um leitor estudioso; entendido não apenas na linguagem dos signos (dos alfabetos e dos números), mas um leitor habilitado a lidar com a linguagem das cifras, que chamo de cifras da poesia; um leitor dos sentidos e dos valores, dos usos e dos afetos. Sem eles não se poderia pensar ou falar em inovação, seja em filosofia, seja em tecnologia.

O que é inovação?

Minha ideia de inovação é bem pós-antiga. Ela tem a idade do ovo. In/ovar, germinar e germinar de novo, dar-se a um novo começo. O novo em filosofia é uma conversão de infinitas germinações, de possíveis resoluções, de respostas a problemas ou questões no campo das crenças e no processo de enobrecimento de ideias. É preciso diferenciar dois sentidos de inovação:

O novo *em filosofia* consiste em revocar a resolução já dada como certa, definitiva ou consolidada.

O novo *em tecnologia*, por sua vez, diz a arte de resolver o dilema entre conservar ou mudar: ou manter a tradição ou reformar e revolucionar.

Tecnologia significa, sempre, nova tecnologia. Sua base está nas pesquisas e nas inovações de resolutividade e utilidade, desenho e vitalidade. Esse 'novo' da tecnologia não é o 'novo' em filosofia. O novo em filosofia é a sua composição. É menos a sua 'técnica' e mais o estilo ou modo de fazer: fazer e compor: com quem, para quem, como, para quem?

Vamos agora, para uma futura aplicação pedagógica, destacar três filósofos inovadores e com eles imaginar e pensar alguns imperativos axiais da educação na perspectiva da inovação e que podem ser assim expressos:

Em Ortega y Gasset: Tens de fazer a tua própria vida!
Em Peter Sloterdijk: Tens de mudar a tua vida!
Em Vilém Flusser: Tens de conversar com a tua máquina!

Os imperativos ou axiomas são inseparáveis das intercessões filosóficas criadas, operadas e vividas por esses pensadores. Na síntese que imaginamos, é possível traduzi-los em poucas palavras, e com elas formar uma base conceitual de nosso programa. Assim temos, a seguinte relação entre filósofos inovadores e os imperativos que os autoriza a praticar inovação em filosofia:

Ortega Y Gasset: Responder a tua vocação.
Peter Sloterdijk: Lidar com a antropotécnica.
Vilém Flusser: Desindexar a vida do aparelho.

Por serem inovadoras em seu imaginário, no sentido de inovação aqui expresso, elas podem vergar os paradigmas instituídos, podem ultrapassar eventuais esquemas, ou mesmo seguir fidedignamente os tópicos definidos no programa, o que explica, mas não justifica, eventuais mudanças de abordagem no curso e na feitura dos brevíários.¹⁰

Nas primeiras leituras que fiz dos ensaios - anteriormente publicados - reporte-me às

¹⁰ Os *Breviários*, sabe-se, são notas e endereçamentos - poéticos, filosóficos, temáticos, autorais - escritos como flechas arremessadas para destinatários imprecisos. Os brevíes da presente composição devem ser lidos assim, como cartas-flechas ou mensagens escritas do coração - em presença de leitores-ausentes ou futuros - tanto na sua feitura como, o que é bem provável, na sua entrega.

referências dos filósofos-autores que me são caros ou próximos, aliados às experiências que tenho na vida da escrita e da leitura, da formação e da educação, considerando os limites do acesso e das traduções para o português - o que não impede que outros e novos leitores façam as suas próprias buscas e incursões na constelação de autores, poetas e filósofos inovadores da cidade futura.

Inovar o Programa

A ideia de Pro+grama (*dos Inovadores*) ressalta as diferenças entre programar (1) (= Prescrever) e programar (2) (= Pretender) no sentido de “tender à” como em Nietzsche na sua passagem de estilista a *designer* de tendências.

Duas atenções concentradas devem nos guiar nesta definição de Pro+grama: uma primeira atenção voltada para o público, constituído pelo leitor estudioso, o pesquisador, o professor e/ou o profissional vocacionado; uma segunda atenção leva em conta o caminho ou percurso que se faz, e que o jovem Ortega define como a pedagogia da paisagem.¹¹

É assim que aproximamos a ideia de programa ao conceito prático de *micrograduações* em inovação filosófica, educação e pesquisa. Essa distinção sugere repensar os modelos de educação ditos “superiores” praticados no Brasil e desenhar ou imbricar o modelo com os demais níveis de ensino, do fundamental ao médio e ao sistema de pós-graduação.

Esse é um ponto decisivo e diferencial do Programa Inovadores da Cidade Futura, com o qual queremos trabalhar e orientar nosso projeto de educação em direção a uma nova área, que chamamos de Exposição, inserida no modelo estrutural de universidade hoje planejada sobre o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

Todo esse esforço tem em vista qualificar o programa de inovação em filosofia, em educação e pesquisa que acreditamos inovador. Pois programa não diz qualquer programa, mas àquele em que a pessoa - o agente humano - esteja no centro, e não apenas o que é mas o tipo de humano que aspira ser. Nas palavras de Ortega, o ser do homem com programa.

¹¹ Margarida Isaura A. Amoedo. *Do significado de Paisagem no pensamento de Ortega y Gasset ao significado de Ortega na nossa paisagem*. In: Ortega y Gasset. *Leituras críticas*, no cinquentenário da morte do autor. Universidade de Évora, páginas 93-104.

Pois o homem se define, a um tempo natural e extranatural, próximo do que Ortega chamou de *centauro ontológico*, onde parte da vida encontra-se imersa na natureza e uma outra a transcende.

*“O que chamamos de vida não é senão um determinado de projeto ou programa. Trata-se do “eu” de cada um, o que não é senão esse programa imaginário. Tudo que fazem, fazem-no ao serviço desse programa”.*¹²

Para Ortega, *“o homem é, pois, primeiro de tudo, algo que não tem realidade, nem corporal nem espiritual; é um programa como tal; portanto, o que ainda não é, mas que aspira ser”*; no entanto, observa o filósofo: *“ainda que o programa ou projeto de ser – por exemplo – um grande financeiro tenha de ser pensado numa ideia, ser esse projeto, não é ser essa “ideia”. (...). E, por outro lado*

O homem não é uma coisa... mas uma pretensão, a pretensão de ser este ou outro. Cada época, cada povo, cada indivíduo modula de diverso modo a pretensão geral humana (pág. 48).

Na distinção entre programa e programação, abre-se, de um lado, o programa pensado como carta acontecimental e documental da linguagem alfabética; por outro, a programação que nos remete a um sistema ou carta monumental e computacional da linguagem digital.

Essa diferenciação entre o programa e a programação é importante em nosso modelo pois, embora seja muito comum o uso de programação no sentido digital ou computacional, tal repertório conceitual – quase todo ele ou a maior parte dos conceitos ou formatos linguísticos – permanece patenteadado na língua dos alfabetos.¹³

¹² Ortega Y Gasset. *Meditação sobre a técnica*, p. 47 e 48.

¹³ Flusser, em seu livro "Escrever. Há futuro para a escrita?" e em "Comunicologia" e "A vida codificada" faz importantes referências sobre esta mudança de padrão tecnológico e sua virada digital. Também encontramos em Ortega y Gasset em suas meditações sobre a técnica o seu conceito de Etimologia dos Usos, instigantes contribuições no desenvolvimento do QiZ, entre outros autores e operadores conceituais e poéticos.

O Programa ganha a forma de uma vida em exercício, de um programa vital / vitalizador, integrado ao “universo” da poesia: o universo da filosofia futura ¹⁴ que se integra e se vive efetiva e afetivamente.¹⁵

E chegamos ao momento crucial de nosso programa: o momento de lidar com uma segunda sequência de questões como primeiras respostas às aporias anteriormente destacadas. Refiro-me à questão da técnica e das tecnologias – dos usos e dos afetos de um lado e dos utilitários aos aparelhos de outro – naquilo que guardam e remontam os interesses e os fazeres humanos em nossos dias.

¹⁴ Agamben diz a sua "filosofia que vem".

¹⁵ Sentimos a necessidade de uma retirada estratégica (*anabasis*) na elaboração e leitura de dois textos que subsidiam os conceitos e operadores poéticos utilizados nas pesquisas e buscas realizadas.